

O PROBLEMA CRÍTICO À LUZ DA OBRA *KANT: VIDA E DOCTRINA* DE ERNST CASSIRER

Felipe Bento da Rocha Neto (IC) e Jonas Moreira Madureira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O artigo a seguir apresenta a abordagem de Ernst Cassirer sobre a doutrina de Immanuel Kant, traçando a trajetória do pensamento kantiano em três partes. A primeira parte fornece uma introdução ao pensamento kantiano, estabelecendo as bases filosóficas de sua doutrina. A segunda parte foca nos anos de Kant enquanto magister, explorando o amadurecimento e a solidificação de seus conceitos e ideias. Na terceira e crucial parte, o foco recai sobre a descoberta do problema crítico fundamental, evidenciado pela correspondência valiosa entre Kant e Marcus Herz, seu aluno e confidente. Esta correspondência é destacada como uma fonte preciosa, lançando luz sobre o progresso do pensamento kantiano.

Palavras-chave: Cassirer, Kant, Epistemologia, Filosofia Moderna.

ABSTRACT

The following article presents Ernst Cassirer's approach to the critical problem and his starting point in the Kantian doctrine. The text is divided into two moments of Kantian life and doctrine, analyzing the evolution of the doctrine and its changes. The aim is to show, according to Cassirer's interpretation, how Kant reformulated traditional philosophy and built a new doctrine, which overcame the limitations of previous theories. The article offers an analysis of the development of the Kantian doctrine and its relationship with the critical problem, providing a clear and comprehensive view of the subject.

Keywords: Cassirer, Kant, Epistemology, Modern Philosophy

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de Iniciação Científica, exploramos como Ernst Cassirer interpreta e se relaciona com o pensamento de Immanuel Kant, especificamente como apresentado em sua obra "*Kant: Vida e Doutrina*". A compreensão dessa relação é fundamental, pois a

“Filosofia das formas simbólicas”, de Cassirer, obra magna de seu pensamento, não pode ser plenamente entendida sem antes esclarecer a sua perspectiva sobre Kant. Assim, esta pesquisa busca elucidar essa visão de Cassirer sobre Kant como uma etapa crucial para a apreciação completa de suas obras posteriores.

Além disso, a obra citada rapidamente se desvinculou de sua intenção original como parte da coleção e estabeleceu sua singularidade. Mais do que um simples comentário para “àqueles que se encontram ainda em meio aos estudos” de Kant, o trabalho também é conhecido como obra filosófica e pode ser visto como a síntese mais abrangente do entendimento kantiano sob o viés crítico da Escola de Marburgo (CASSIRER, 2021, p. 8).

O resultado de todas as investigações epistemológicas, históricas e metodológicas é o que possibilita afirmar que “Kant: Vida e Doutrina” representa uma renovação à literatura kantiana. Nota-se que ele aprofunda e expande a perspectiva inicial de uma maneira tão significativa que, embora o resultado possa ser entendido como uma extensão dos princípios fundadores da Escola, também revela traços originais inconfundíveis¹ (CASSIRER, 2021, p. 11)

2. INTRODUÇÃO AO PROBLEMA KANTIANO

Não se interpreta a relação entre “forma de doutrina” [*Lehrform*] e “forma de vida” [*Lebensform*] em Immanuel Kant de tal modo que a “vida” seja apenas um suporte e receptáculo passivo da “doutrina”. Kant não somente submete a vida em seu teor objetivo e em sua “verdade” objetiva ao pensamento, mas também reconhece que o pensamento é moldado pela vida. Em outras palavras, a existência de Kant é afetada e moldada pela vida, assim como ele afeta e molda a vida com seu pensamento (CASSIRER, 2021, p. 20). O que Kant é e significa, não no todo da história da filosofia, mas como personalidade individual, vem à tona primeiramente nessa dupla relação. A exposição da vida do grande pensador tem como tarefa essencial mostrar como sua individualidade se funde e aparentemente se perde em sua obra cada vez mais sólida, mas seus traços intelectuais fundamentais permanecem conservados e alcançam clareza e visibilidade por meio dela.

A *Crítica da Razão Pura* (doravante, CRP) de Immanuel Kant (1724–1804) é uma “resposta” a um problema filosófico que ele se propõe a investigar e resolver. Na maioria das vezes, a causa de não entendermos o problema desta obra está atrelada ao fato de que algo não está explicitado no texto, ou que ainda não possuímos os pressupostos necessários para entendê-la (PORTA, 2014, p. 59).

¹ Cf. PORTA, 2011, p.45-70

O filósofo Ernst Cassirer (1874-1945) aponta que a pergunta que orienta o problema da CRP é: "como são possíveis juízos sintéticos *a priori*?" (CASSIRER, 2021, p. 131). Considerando todos os termos dessa questão que precisam de esclarecimento, o conceito de *a priori* merece destaque. Para isso, o conteúdo dessa pergunta pode ser expressado por outras duas perguntas a seguir: (1) Como são possíveis física e matemática como ciência? e (2) É possível a metafísica como ciência?

Diante desses questionamentos, é preciso esclarecer o conceito de ciência pressuposto por Kant, pois este é fundamental para o entendimento de sua obra e, conseqüentemente, da de Cassirer. Na primeira metade do século XVIII, a física de Isaac Newton (1643-1727) aparece como uma nova e poderosa concorrente à física de René Descartes (1596-1650) e Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Segundo Porta, o filósofo de Königsberg inicia sua formação em física através do contato com as polêmicas entre cartesianos e leibnizianos para, em seguida, aderir progressivamente a Newton" (PORTA, 2014, p. 106). Vale à pena observar que as físicas de Descartes e Leibniz possuem três pontos em comum: (1) A definição de ciência tem suas raízes na Antiguidade clássica, i.e., todas as proposições e todos os conceitos (ou termos) de S pertencem a um conjunto específico ou dizem respeito a um certo domínio de seres (JONG e BETTI, 2008, p. 186), (2) Ciência é conhecimento universal, i.e., válido para todos os objetos de um domínio determinado e (3) Ciência é conhecimento necessário, i.e., sem possibilidade de que seja diferente.

O professor Anthony Kenny (1931-) descreve que Kant adota a física de Newton sem abandonar a definição clássica de ciência, ou seja, a física newtoniana é um conhecimento que implica um caráter universal e necessário. A palavra epistemologia (ramo da filosofia que se ocupa da investigação sobre a definição, origem e possibilidade do conhecimento humano) é derivada do grego *episteme*, daí o seu equivalente em nosso idioma ser "ciência" (KENNY, 2014, p. 184). No início da CRP, Kant afirma que:

Não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência [...] Ainda, porém, que todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso surge ele apenas da experiência (CRP, B1)."

Kant distingue dois modos de conhecimento: conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori*. Conhecemos uma verdade *a posteriori* se a conhecemos a partir da experiência; conhecemos uma verdade *a priori* se a conhecemos independentemente de toda experiência (KENNY, 2014, p. 126 // CRP B2). O conhecimento *a priori* é um conhecimento universal e necessário e não se fundamenta na experiência.

Entre os juízos que fazemos *a priori*, alguns, afirma Kant, são analíticos e outros são sintéticos:

Em todos os juízos nos quais é pensada a relação entre um sujeito e um predicado [...] essa relação é possível de dois modos. Ou o predicado “B” pertence ao sujeito “A” como algo que já está contido (de modo oculto) neste conceito “A”; ou “B” se localiza inteiramente fora do conceito “A”, mesmo estando em conexão com ele. No primeiro caso eu denomino o juízo analítico, no segundo sintético (CRP, B11).

Quando dizemos, por exemplo, que o triângulo tem três ângulos, este é um exemplo de juízo analítico, pois quando se concebe mentalmente o conceito de triângulo e o analisá logicamente, verifica-se que dentro do conceito do sujeito² está a definição de ter três ângulos; e então formula-se o juízo: o triângulo tem três ângulos³ (MORENTE, 1980, p. 221)

Em contrapartida, os juízos denominados sintéticos são aqueles nos quais o conceito do predicado não está contido no conceito do sujeito. Este juízo consiste em unir sinteticamente elementos heterogêneos no sujeito e no predicado⁴ (MORENTE, 1980, p. 222).

Como já foi dito, Cassirer entende que o verdadeiro problema da razão pura está, pois, contido na questão: como são possíveis juízos sintéticos *a priori*? (CRP, B19). O que Kant faz de início é mostrar que, efetivamente, as ciências estão constituídas por juízos sintéticos *a priori*. Vejamos outro exemplo dado por Kant:

Os princípios da geometria não são tampouco analíticos. Que a linha reta seja a mais curta entre dois pontos é uma proposição sintética. Pois o meu conceito de reto não contém nada relativo à quantidade, mas apenas uma qualidade. O conceito de mais curto, portanto, é acrescentado por inteiro a ele e não pode ser extraído por decomposição do conceito de linha reta. É preciso, pois, recorrer aqui ao auxílio da intuição (Ibid. B16).

Segundo Morente (MORENTE, 1980, p. 225), este é um exemplo claro de juízo sintético. A linha reta significa uma linha cujos pontos estão todos na mesma direção. Além de ser sintético, este juízo é *a priori*, pois ninguém considera necessário medir com um

² Segundo Nicola Abbagnano (2007, p. 929), define-se sujeito como um termo que teve dois significados fundamentais: “1. aquilo de que se fala ou a que se atribuem qualidades ou determinações ou a que são inerentes qualidades ou determinações; 2. o eu, o espírito ou a consciência, como princípio determinante do mundo do conhecimento ou da ação, ou ao menos como capacidade de iniciativa em tal mundo.”.

³ cf. CRP, B11.

⁴ ibid.

metro a linha reta para ver se é a mais curta entre os dois pontos. Vemos por intuição⁵ que a linha reta é a mais curta entre os pontos. Por isso, esta intuição evidente é uma intuição *a priori*.

A física também contém diversos juízos sintéticos *a priori*, diz Morente (Ibid., p. 226). Quando dizemos que em todo movimento que se transmite de um corpo a outro a ação é igual a reação é este um juízo sintético *a priori*.

Se o primeiro elemento do problema kantiano são as ciências exatas, o segundo será a metafísica. Para Kant, tanto a mecânica newtoniana como a metafísica racionalista pretendem obter conhecimento *a priori* (PORTA, 2014, p. 110). A metafísica, porém, é uma ciência discutida, cada vez que surge um filósofo novo no mundo, torna a transformá-la desde o princípio. É uma ciência em que nenhuma verdade está estabelecida como nas matemáticas. A metafísica é uma “eterna arena de disputas”, não existindo uma única tese que seja universalmente aceita e nem questionada e, por isso, segundo Kant, ela falha em obter conhecimento *a priori*. Segundo Cassirer:

É do conceito de metafísica, e dos destinos que esse conceito experimentou através dos tempos, que parte a consideração da *crítica da razão*. Esta é a contradição interna que atravessa toda a história da metafísica, que ela, que reivindica constituir a mais alta instância para o problema do *ser* e da *verdade*, não proveu ainda para si qualquer norma de certeza. (2021, p. 142)

Ainda que a metafísica pareça impossível como ciência, mesmo assim ela permanece como uma predisposição natural necessária, pois toda a tentativa de resignação em relação a suas questões fundamentais se revelam enganosas. Para Cassirer, não é o objeto da metafísica que deve experimentar um novo exame e elucidação através da *Crítica da Razão Pura*, mas a sua questão que devemos compreender mais profundamente. Ele explica:

A metafísica antiga era *ontologia*: ela começava com determinadas convicções gerais sobre o “ser” por excelência, e ela buscava a partir disso avançar para o conhecimento de determinações das coisas. (Ibid. p. 143)

Se no, primeiro momento, era perguntado o que é o ser, para então o conhecermos, no problema crítico, diz Cassirer:

se deverá começar, ao contrário, com a verificação sobre o que, em geral, significa a questão sobre o ser – se lá o ser valia como ponto

⁵ Segundo Abbagnano (2007, p. 581), “a intuição é a representação tal qual seria pela sua decorrência da imediata presença do objeto. Por isso, para Kant, a intuição geralmente é o conhecimento para o qual o objeto apresenta-se diretamente.”.

de partida, aqui se coloca como problema ou como postulado. (Ibid. p. 144)

É no marco da oposição entre idealismo e materialismo que devemos entender a “volta a Kant” (*Zurück zu Kant*). A filosofia de Ernst Cassirer se move dentro da tradição do idealismo alemão e surge de uma escola chamada neokantismo (PORTA, 2011, p. 45). O neokantismo é a reformulação da teoria kantiana frente ao estado da ciência que sofreu mudanças. Por isso, diante do desenvolvimento das matemáticas e da física no século XIX que colocou a filosofia diante de um novo *Faktum*, os neokantianos não podiam ser simplesmente kantianos (Ibid. p. 47).

Diante disso, é necessário questionar como Cassirer, filósofo da escola neokantiana, interpretou o problema crítico proposto por Kant. De acordo com ele, os conceitos fundamentais do conhecimento científico, os conceitos de força e causa, de substância e matéria, têm uma longa e complicada pré-história metafísica, que remonta muito além do início da era moderna (CASSIRER, 1953, p. 22). É verdade que a origem desses conceitos não poderia ser exposta sem observar constantemente para sua função dentro da física atrelada à matemática. Mas se olhássemos apenas para isso, não seria possível explicar e compreender cada uma das fases concretas de seu desenvolvimento.

Vemos, por exemplo, como os conceitos de espaço e tempo, quando apresentados pela primeira vez na filosofia moderna, ainda aparecem completamente envoltos em premissas de natureza metafísica. Kant ainda, em sua crítica transcendental do espaço e do tempo, tem em mente certa formulação e versão histórica desses conceitos condicionados pelo interesse pela fundamentação científica da mecânica e por problemas gerais de metafísica. Portanto, não é possível separar o objeto da investigação de Cassirer do pano de fundo metafísico sobre o qual se projeta (Ibid. p. 22-23).

O problema analítico colocado ao pensamento moderno encontra sua culminação lógica no sistema de Kant. É este sistema que dá o último passo definitivo, pois nele o conhecimento se afirma plenamente, em vez de ir em busca de suas próprias leis, como até então, no mundo do ser ou da consciência. Cassirer diz que ao imprimir essa mudança no pensamento, Kant, ao invés de aperfeiçoar a trajetória anterior, o que ele faz é se configurar como criador de novos problemas, que atingem diretamente nosso próprio presente filosófico e que, portanto, não podem ser tratados e julgados já em uma investigação de tipo histórico, mas apenas em uma investigação sistemática (Ibid. p. 23)

Assim, faz-se necessário seguir em uma busca por esclarecimento sobre a epistemologia kantiana e sobre os problemas gerados por suas investigações à luz da interpretação de Ernst Cassirer. Para compreender plenamente as complexidades e

nuances da epistemologia kantiana, faz-se necessário não apenas entender suas ideias centrais, mas também considerar os desafios e questionamentos que emergem de suas teorias. A visão de Ernst Cassirer oferece uma interpretação particularmente rica neste contexto, lançando luz sobre aspectos muitas vezes negligenciados ou mal compreendidos da filosofia kantiana.

3. INÍCIO DA DOUTRINA KANTIANA: ANOS DE MAGISTER⁶

No outono de 1755, de posse do título de *Magister*, Kant ofereceu sua primeira preleção na casa do professor Kypke. O que ele não imaginava era o amplo auditório que essa casa possuía e a multidão de alunos aglomerados. Diante desse relato biográfico extraído de Borowski, Cassirer evidencia de modo característico a forte impressão pessoal que se tinha do jovem Kant em toda a parte. A vida que iniciava nestes primeiros anos de docência poderia dar cabo do frescor e da franqueza do espírito kantiano (Cassirer, 2021, p.48-50).

No ensaio chamado *Que significa orientar-se no pensamento?* (1786), no qual investigava o sentido exato da *expressão*, Kant sublinhou três diferentes significados básicos para este conceito (Cassirer, 2021, p.51). No primeiro significado, Kant diz que nos orientamos geograficamente, mesmo tendo em vista todos os dados objetivos do céu, somente por um princípio subjetivo de diferenciação. No exemplo de Kant, ele argumenta que, se um dia todas as constelações mantivessem a mesma aparência e posição relativa umas em relação às outras, mas mudassem apenas sua direção, seria impossível para nós, seres humanos, detectarmos qualquer diferença, e até mesmo um astrônomo, concentrado apenas no que enxerga e não no que sente, ficaria sem dúvidas desorientado. A habilidade natural de diferenciar o lado direito do esquerdo torna-se ainda mais aprimorada com a prática, transformando-se em um hábito. Por instinto, somos capazes de distinguir as duas direções, o que nos auxilia na orientação em situações desconhecidas. (Kant, 1985, p. 74). Segundo Cassirer, o primeiro significado:

diz respeito à orientação no *espaço*. Ele indica a determinação dos pontos cardeais que estabelecemos a partir do lugar onde o Sol nasce. (Cassirer, 2021, p. 52)

⁶ “Um mestre ou pessoa habilitada a ensinar em uma universidade.” Conferir em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/magister> Collins English Dictionary. Copyright © HarperCollins Publishers.

Ao explicar o segundo significado de orientação, Kant ilustra que nos orientamos na escuridão em um quarto que já conhecemos, quando somos capazes de localizar um único objeto cuja posição está armazenada em nossa memória. Cassirer explica:

Ao lado deste conceito *geográfico* emerge [...] o sentido *matemático* pelo qual se busca encontrar a distinção das direções num dado espaço em geral, sem que seja necessário criar um referencial a partir de um objeto *em específico* e do seu lugar (algo como o lugar onde o Sol nasce). (Cassirer, 2021, p. 52)

Neste sentido, Cassirer, ao parafrasear Kant (1985, p.74), demonstra que podemos nos orientar em um quarto escuro familiar se soubermos a posição de um objeto qualquer, pois a partir da relação conhecida de direita e esquerda é possível descobrir a posição dos demais objetos. Em outras palavras, a capacidade de diferenciação entre direita e esquerda é fundamental para a nossa orientação espacial, mesmo em ambientes sem referências visuais claras (Cassirer, 2021, p. 52). O exemplo de Kant nos ajuda a entender o segundo significado do termo *orientação*:

Se alguém, por brincadeira, pusesse todos os objetos na mesma ordem uns em relação aos outros, mas colocando à esquerda o que antes estava à direita, num quarto em que todas as paredes fossem inteiramente iguais, não poderia encontrá-los. Mas logo a seguir me orientaria pelo puro sentimento da diferença de meus dois lados, o direito e o esquerdo. É o que acontece quando de noite tenho de andar e devidamente mudar de direção em ruas que me são conhecidas, mas nas quais agora não distingo nenhuma casa. (Kant, 1985, p. 76)

O terceiro e último significado se refere a não somente se orientar no espaço, mas de modo geral no pensamento, ou seja, de forma lógica (Kant, 1985, p. 76). Cassirer nos explica que o terceiro significado:

só é atingido quando passamos da orientação "geográfica" e "matemática" para a *orientação lógica* em sua acepção mais geral, segundo a qual não se trata mais de determinar o local de uma coisa no espaço, mas o lugar de um juízo ou de um conhecimento no sistema universal da razão. A distinção e progressão que Kant indica aqui são empregadas no seu próprio desenvolvimento intelectual. Ele também começa com a orientação físico-geográfica. (CASSIRER, 2021, p. 52)

A tentativa de esclarecer completamente os fenômenos naturais acaba sendo insuficiente, assim como não são compreendidos com clareza os princípios e os últimos fundamentos teórico-empíricos dos acontecimentos naturais. Segundo Cassirer, Kant agora se vê impulsionado com a crescente determinação para o âmbito da filosofia natural. Cassirer explica que:

A *Monadologia física* justifica e defende uma nova forma de *atomística*, enquanto que a *Nova doutrina do movimento e do repouso* busca remover uma obscuridade que permaneceu na própria fundamentação da física, na definição dos primeiros conceitos fundamentais da mecânica. (Ibid., p. 53)

A análise se torna mais complexa e profunda quando se passa dos elementos iniciais da física para os elementos da matemática. De acordo com Cassirer, para compreender plenamente as leis e relações das grandezas estudadas pela ciência natural, é crucial ter um conhecimento profundo das condições das grandezas, incluindo as suposições que são necessárias para sua determinação e medição matemática:

A esse respeito, o *Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia* de 1763⁷ obtém um primeiro resultado importante: os conceitos de "direção" e "direção oposta" são aqui definidos e aplicados num sentido mais fecundo. Com isto, porém, é também indicada simultaneamente e em contornos claríssimos a oposição que existe entre pensamento silogístico e matemático, entre a lógica da escola e a lógica da aritmética, da geometria e da ciência natural. (CASSIRER, 2021, p. 53)

Dessa maneira, a antiga pergunta sobre os "limites" entre a matemática e os limites da metafísica ganha um novo conteúdo. Todos os trabalhos de Kant nos anos seguintes se referem de forma direta ou indireta a esse problema central que tem sua formulação completa no escrito *Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível*, de 1770⁸. Cassirer argumenta que, ao analisar o texto de 1770 de Kant, percebemos que sua solução inicial para a questão do conhecimento imediatamente se desintegra em uma série de perguntas ainda mais complexas. Nesse texto, Kant começa como um geógrafo empírico que estuda a natureza, porém se transforma em um geógrafo da razão, assumindo a tarefa de medir a totalidade das faculdades da razão com base em princípios determinados⁹.

Essa mudança, relata Cassirer, indica uma nova orientação para o desenvolvimento do sistema de Kant, na qual ele busca compreender não apenas o objeto em si, mas

⁷ Esse ensaio pode ser encontrado em *Escritos pré-críticos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005. p. 51-100.

⁸ Esse ensaio pode ser encontrado em *Escritos pré-críticos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005. p. 219-82.

⁹ Cf. *Crítica da razão pura* [B 787]: "Se me represento a superfície da Terra como um prato (em conformidade com a ilusão sensível), não posso saber o quão longe ela se estende. Mas a experiência me ensina o seguinte: aonde quer que eu vá, sempre vejo um espaço em torno de mim onde posso prosseguir; logo, reconheço limites no conhecimento que efetivamente possuo, caso a caso, da Terra, mas não os limites de todas as descrições possíveis da Terra. Se cheguei ao ponto de saber, contudo, que a Terra é uma esfera, e sua superfície esférica, então também posso, a partir de uma pequena parte dela – como, por exemplo, o tamanho de um grau – , conhecer de maneira determinada, e segundo princípios *a priori*, o seu diâmetro e, por meio deste, a completa delimitação da Terra, i.e., a sua superfície; e mesmo que eu seja ignorante com relação aos objetos que essa superfície possa conter, não o sou em relação à extensão que ela contém, à grandeza e aos limites desta".

também o tipo de conhecimento necessário para conhecê-lo. Cassirer enfatiza que o processo de análise e questionamento de Kant é contínuo, revelando uma busca constante pela compreensão mais profunda das faculdades da razão e do mundo em que vivemos. (CASSIRER, 2021, p.53).

Foi no seus tempos de *Magister* que o seu desenvolvimento intelectual tomou a direção que no fim transformaria de modo radical seu pensamento e sua vida. Nessa época, quase todos os os principais pensadores, principalmente Kant, Johann Heinrich Lambert (1728-1777) e Moses Mendelssohn (1729-1786), ensaiaram uma solução para a questão apresentada pela Academia Berlimense de Ciências: “As ciências filosóficas são capazes da mesma evidência que as matemáticas?”. A preparação deste trabalho, segundo Cassirer, se tornou o ponto de partida para um movimento contínuo de avanço e reforço do pensamento do filósofo de Königsberg (CASSIRER, 2021, p.62).

O que é caracteristicamente novo é que Kant não se limita a examinar o objeto de estudo, mas vai além, questionando as particularidades do conhecimento necessário para compreendê-lo. Dessa forma, ele demanda uma justificativa sobre as características distintivas desse tipo de conhecimento (CASSIRER, 2021, p.63).

Na obra *História Natural Universal e Teoria do Céu* (1755), não havia uma clara distinção entre os diferentes tipos de conhecimento. Nela, Kant empregou despreocupadamente o procedimento da indução em ciências naturais junto do procedimento matemático de medição e cálculo e, por fim, do procedimento do pensamento metafísico. Ele utiliza a estrutura do mundo material e suas leis universais de movimento para provar a existência de Deus. Além disso, a partir de cálculos sobre as diferentes densidades dos planetas, surgiam ideias sobre as diferenças corporais e espirituais de seus habitantes e até mesmo a possibilidade de imortalidade. Como a visão causal e a teleológica ainda estavam completamente entrelaçadas nessa obra, a compreensão intuitiva da natureza levava diretamente a uma doutrina da destinação humana, que encontrava sua expressão final em certas proposições e exigências metafísicas (CASSIRER, 2021, p.63). Cassirer ao defender isto cita Kant:

"Quando alguém satisfaz seu ânimo com semelhantes considerações", assim Kant encerra a *História Natural Universal e Teoria do Céu*, "a visão de um céu estrelado numa noite clara oferece um tipo de contentamento que apenas almas nobres experimentam. No silêncio universal da natureza e no repouso dos sentidos, a **oculta faculdade de conhecimento do espírito imortal fala uma língua inominada**, oferecendo conceitos *in nuce* que se deixam **sentir, mas não descrever**. Se existem entre as criaturas pensantes deste planeta seres vis que, a despeito de todos os atrativos que um tão grande objeto pode os seduzir, são apesar de tudo capazes de se atar fortemente à servidão da vaidade, quão triste é esta esfera que tem criado tão míseras criaturas! Por outro

lado, quão feliz é aquela que entre as condições as mais admissíveis abriu um caminho para alcançar uma felicidade e altura infinitamente mais louvável do que os benefícios que a organização mais vantajosa da natureza pode obter em qualquer corpo celeste!" (KANT, 2008, p.160. *Grifo nosso*)

Cassirer argumenta que um pensador como Kant não poderia ficar satisfeito com conceitos vagos do sentir, mas que não conseguem descrever adequadamente a realidade. Na obra citada, Kant reconhece os limites dos conceitos e busca uma justificativa para a incompreensibilidade que ele próprio aponta. Segundo Cassirer, ele ansiava por traduzir a linguagem indescritível do sentimento em termos claros e precisos do entendimento, de forma a tornar a "oculta faculdade de conhecimento" transparente e consciente de si mesma. Esse desejo de compreensão mais profunda impulsionou a busca de Kant por uma filosofia sistemática e rigorosa, capaz de lidar com a complexidade e a profundidade da experiência humana (CASSIRER, 2021, p.63-64).

Cassirer argumenta que Kant ainda não alcançou uma resposta final e conclusiva para sua questão central. Ainda assim, o mero surgimento dessa questão em sua obra sinaliza uma mudança significativa em sua abordagem filosófica. Esta mudança não é trivial, mas sim um indicativo de uma reavaliação profunda entre conhecimento e experiência. Ao abordar essa complexa interação, Kant esboça os contornos para um exame mais detalhado especialmente no que se refere à compreensão da relação entre a faculdade de conhecimento e os limites impostos pela experiência. Esta complexidade crescente no pensamento de Kant serve como prelúdio para a descoberta do problema crítico fundamental que abordaremos a seguir.

4. A DESCOBERTA DO PROBLEMA CRÍTICO FUNDAMENTAL

Ao assumir um novo cargo acadêmico aos quarenta anos, acompanhado do seu escrito *Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível* (1770), Kant parecia ter alcançado o auge de seu desenvolvimento filosófico e atingido uma conclusão imediata. No entanto, essa conquista não foi o fim, mas sim o pontapé inicial de uma nova trajetória, que marcou uma mudança decisiva em sua vida e pensamento (CASSIRER, 2021, p.117).

Nesse momento de sua carreira, Kant já havia se estabelecido como uma figura independente frente às principais correntes filosóficas de sua época. Parecia que não restava mais nada a ser feito a não ser reforçar e consolidar o patrimônio intelectual acumulado até aquele momento.

Cassirer relata que o próprio Kant acreditava que todo o seu trabalho posterior seria dedicado a este objetivo, tão somente à execução e justificação das ideias que obteve:

O que para outros, mesmo para os grandes talentos filosóficos, teria constituído o fim, não constituiu para o gênio filosófico de Kant senão o primeiro passo de uma trajetória inteiramente nova. Mais tarde, ele próprio marcou 1770 como o ano em que tiveram *início* as suas realizações originais como pensador e escritor – e, de fato, tudo anterior a esse marco, por mais rico que seja em seu conteúdo peculiar, parece ter sua significação reduzida quando avaliado segundo os novos critérios que foram estabelecidos no desenvolvimento desde a Dissertação inaugural até a *crítica da razão*. (CASSIRER, 2021, p. 117)

Com isto em mente, nos perguntamos: como, então, surge o problema que direciona as respostas e toda a elucidação dadas por Kant em sua obra magna? Qual foi o ponto de partida da construção deste monumento que traria um elemento totalmente novo à época? Cassirer nos mostra que a correspondência travada por Kant e Marcus Herz (1747-1803), seu aluno e amigo confiante, nos oferece um testemunho de valor incomparável sobre o modo como esse trabalho tomou corpo e no progresso regular do pensamento kantiano (CASSIRER, 2021, p. 122). Cassirer nos relata que “As cartas a Herz não só reproduzem a progressão objetiva do próprio pensamento kantiano, como também são um espelho fidedigno das alterações do estado de ânimo pessoal e intelectual que o acompanharam. Marcus Herz participou como ‘respondente’ na defesa pública de Kant do escrito ‘Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível’, tendo sido instruído pessoalmente por Kant sobre todos os seus pormenores (Ibid.).

Além disso, Kant se desculpa com Herz pelo atraso de sua resposta às objeções de Lambert e Mendelssohn. Para o filósofo de Königsberg, diz Cassirer:

a mera falta de convencimento em homens com tal discernimento é para mim sempre uma prova de que minhas teorias ainda carecem, no mínimo, de distinção, evidência ou mesmo de algo essencial [...] Você sabe que grande influência tem em geral para a filosofia como um todo, e inclusive para os fins mais importantes dos seres humanos, o discernimento correto e distinto acerca da diferença que reside nos princípios subjetivos das forças da alma humana, não apenas da sensibilidade, mas do entendimento também e que diz respeito diretamente aos objetos. (CASSIRER, 2021, p.123)

Para entender melhor o discernimento kantiano, Cassirer nos convida a analisar a importância das críticas de Lambert e Mendelssohn, que foram o ponto de partida para as reflexões de Kant e o impulsionaram a adotar uma postura cética. Essas críticas foram fundamentais para o desenvolvimento da filosofia crítica de Kant. Tanto Lambert quanto Mendelssohn criticaram a forma como a doutrina da "idealidade do espaço e do tempo" foi

apresentada na Dissertação de Kant, o que motivou as suas respectivas respostas (CASSIRER, p.124).

É certo que essa doutrina não continha para ambos nada de propriamente inesperado ou paradoxal, pois que espaço e tempo sejam apenas as ordenações dos "fenômenos" tratava-se de uma proposição estabelecida pela metafísica leibniziana com a qual a literatura filosófica do século XVIII se deparava novamente em suas inflexões as mais variadas. Cassirer argumenta que a única exceção para Lambert e Mendelssohn a esse respeito:

é que essa idealidade tanto do espaço como do tempo parecia ser ressignificada na Dissertação como uma mera "subjetividade". "O tempo" assim escreveu Mendelssohn, "é (segundo Leibniz) um *fenômeno* [*Phaenomenon*] e possui, como todos os fenômenos [*Erscheinungen*] algo objetivo e algo subjetivo". Lambert também enfatiza que até o momento não pôde se convencer com a alegação de que o tempo não seja "nada real", pois se as mudanças são reais (como mesmo um idealista precisa aceitar, visto ser imediatamente consciente dela na troca interna de suas representações), então o tempo também deve sê-lo, visto que todas as alterações estão vinculadas ao tempo e sem o que não são "pensáveis". (CASSIRER, 2021, p.124)

Cassirer argumenta que ambas as críticas – de Mendelssohn e Lambert – não surtiram efeito quanto à doutrina de Kant, pois eles confundiram o idealismo transcendental com o idealismo psicológico. Esse tipo de confusão é expresso mais tarde na CRP, quando Kant argumenta que o tempo e o espaço não são coisas em si mesmas, ou seja, independentes da mente humana, mas sim formas *a priori* da sensibilidade que são aplicadas às percepções sensoriais para dar sentido à experiência. Em outras palavras, para Kant, o tempo e o espaço são formas de estruturação da experiência humana, e não características da realidade absoluta (CRP, A 36-41/B 53-58 // KANT, 2012, p.83-86)¹⁰.

A partir desse entendimento, Cassirer argumenta que a incompreensão de Lambert e Mendelssohn seria inevitável dada a forma em que a doutrina kantiana de espaço e tempo fora colocada na Dissertação:

Essa incompreensão não seria, porém, desculpável? Não seria ela quase que inevitável, dada a forma em que a doutrina do espaço e do tempo foi exposta na Dissertação? Ainda que seja a base para a certeza da matemática e da ciência da natureza, a "subjetividade"

¹⁰ Para a teoria kantiana, o espaço e o tempo não pertencem aos objetos, mas às nossas faculdades de intuição. Eles têm essencialmente a ver com modos pelos quais nos relacionamos com objetos quando os intuimos, ou seja, quando temos contato cognitivo imediato com eles na base de nossa perspectiva cognitiva (WOOD, 2005, p. 56). Esse conhecimento constitui a matemática pura, a aritmética, a geometria e a física. Se espaço e tempo são formas puras da intuição que pertencem às nossas capacidades cognitivas, e não entidades existentes independentemente, pareceu a Kant, o único modo de explicar a possibilidade de conhecimento sintético *a priori* que se encontra na matemática, por exemplo (Ibid, 2005, p. 57).

das formas da intuição não aparece, contudo, como uma mácula que a distingua para sua desvantagem dos "conceitos puros do entendimento"? Afinal, admitia-se expressamente que esses conceitos nos dão a conhecer as coisas não como elas aparecem, mas como são em si e para si mesmas. Em todo caso, poderíamos insistir em que, não sendo espaço e tempo nenhum objeto absoluto, seu conceito é, não obstante, "sumamente verdadeiro": ainda assim essa verdade permanecia uma verdade de segunda ordem na medida em que havia outros conceitos capazes de reivindicar sua referência não meramente aos "fenômenos" e às suas conexões, mas imediatamente às "coisas". (CASSIRER, 2021, p. 125)

As cartas de Kant a Herz nos revela como sua progressiva consideração se concentrou especificamente neste tema complexo. Ele afirma a distinção entre conceitos "sensíveis" e "intelectuais" como um resultado certo e irreversível, porém agora é necessário ampliar a diferença entre o que se baseia nos "princípios subjetivos" e a segunda esfera que se refere "diretamente aos objetos", a qual a crítica até então não havia alcançado. Cassirer comenta que "em vez de Kant se envolver numa doutrina geral duvidosa, os conceitos assumem para ele, ao contrário, a mesma marca da 'verdade' que as formas da intuição pura. Agora também vale para elas que não sejam verdadeiras devido à ação de copiar para nós o mundo dos objetos absolutos, mas porque no sistema do conhecimento, na estrutura da realidade empírica, elas são condições indispensáveis e, portanto, de validade universal e necessária" (CASSIRER, 2021, p. 125).

Neste momento, vemos que o centro da gravidade do problema kantiano começou a se deslocar. Cassirer nos diz que "no lugar da separação entre os objetos, no lugar do dualismo entre o mundo sensível e suprassensível entra em cena a separação entre as funções cognitivas que de algum modo fundamental ou exigem para si a 'objetividade'" (CASSIRER, 2021, p.126). A distinção não reside mais apenas entre o mundo sensível e o mundo inteligível, mas entre a esfera da sensibilidade e a da razão, esta última sendo considerada em seu sentido mais amplo e abrangente.

Assim, da mesma forma que podemos questionar qual é a forma peculiar de objetividade que corresponde ao espaço e ao tempo e como descobrimos essa forma esclarecendo a estrutura e o método de conhecimento da matemática e da mecânica puras, também devemos questionar sobre o princípio que fundamenta a necessidade do conhecimento intelectual puro. Em Kant, é claramente delineada a obra futura a resolver todos esses problemas, a fixar e a delimitar entre si os diversos títulos de validade no campo do conhecimento teórico (Ibid.).

É precisamente neste ponto, argumenta Cassirer, que vemos o problema verdadeiramente decisivo surgir diante de nós. Ele se questiona se, supondo que os limites

entre sensorial e compreensão já tenham sido traçados, "teríamos com isso alcançado realmente um 'sistema' da razão ou, talvez, nada além de um mero 'agregado'?" (ibid). A pergunta ainda é pertinente: "em que consiste este termo de ligação se não deve ser buscado simplesmente no mundo das coisas, mas na estrutura e nas leis da 'razão pura'?" (ibid).

De acordo com Cassirer, a carta de Kant para Marcus Herz no dia 21 de fevereiro de 1772 nos dá resposta a todas essas questões. Não faltou quem dissesse que essa carta marca a verdadeira data de nascimento da *Crítica da Razão Pura*. Vejamos o trecho da carta a Herz citado por Cassirer:

Em vez de toda desculpa que lhe devo, gostaria de oferecer um pequeno relato sobre o tipo de ocupação dos meus pensamentos nas horas vagas, responsável pelo atraso na redação de cartas. Após sua partida de Königsberg, voltei a refletir nos intervalos que me são tão necessários entre negócios e descansos sobre o plano de considerações que discutimos a fim de *ajustá-lo à filosofia como um todo e aos conhecimentos restantes e de compreendê-lo em sua extensão e limites*. Eu já havia avançado bastante na distinção entre o sensível e o intelectual na moral e dos princípios que daqui se originam. Também já esboçara há algum tempo, e a meu ver em termos razoavelmente satisfatórios, os princípios do sentimento, do gosto e do poder de julgar, bem como seus efeitos, o agradável, belo e bom e agora fiz o plano de uma obra cujo título poderia ser algo como: *Os limites da sensibilidade e da razão*. Pensei em duas partes para ela, uma teórica e uma prática. A primeira conteria duas seções. 1) A fenomenologia em geral. 2) A metafísica, certamente segundo sua natureza e método apenas. [...] Ao meditar sobre a parte teórica em toda sua extensão e nas relações mútuas com todas as partes, notei que as minhas longas investigações metafísicas, tanto quanto as de outros, ainda carecem de algo essencial, sobre o que não se teve atenção e que, de fato, constitui a chave para todos os segredos até agora ainda ocultos da própria metafísica. Perguntei-me então: Sobre qual fundamento repousa a relação com o objeto daquilo que, em nós, é chamado de representação? (CASSIRER, 2021, p. 127)

Esta relação é facilmente reconhecida em dois casos: a saber, (1) quando o objeto produz a representação ou vice-versa, (2) quando a representação produz o objeto. Fica claro, então, de onde provém a "conformidade" entre ambos, uma vez que acredita-se ver que todo efeito é conforme a sua causa e deve "copiá-la" no sentido preciso do termo. O problema parece se resolver, portanto, quando o examinamos somente a partir da perspectiva da sensação dos sentidos, como também quando adotamos o ponto de vista do entendimento, que gera por si mesmo o objeto que discerne. O primeiro caso (1) é aquele em que somos totalmente passivos, ou seja, o objeto é impresso em nós em sua existência completa, deixando um rastro sensorial que nos informa sobre ele. O segundo caso (2) é o da "inteligência divina", é fácil perceber também a coincidência entre o conhecimento e o objeto: aqui é a mesma identidade originária do ser divino que se expressa e se manifesta

igualmente no conhecimento e na imagem, na intuição e na criação. Assim, é possível conceber, pelo menos em geral, tanto a possibilidade de um entendimento criador puro, de um *intellectus archetypus*, como a possibilidade de uma inteligência puramente receptiva, de um *intellectus ectypus* (CASSIRER, 1978, p. 156-57). O problema é que, diz Cassirer, “nosso entendimento não entra em nenhuma dessas categorias¹¹, seja porque ele próprio não produz os objetos aos quais se refere no seu conhecimento, seja porque não aceita simplesmente os efeitos deles quando são imediatamente apresentados nas impressões sensíveis” (CASSIRER, 2021, p.128).

Diante deste cenário, Cassirer cita Kant:

"Os conceitos puros do entendimento", Kant segue arrazoando, "não devem, portanto, ser abstraídos das sensações dos sentidos, nem exprimir a receptividade das representações por meio dos sentidos e, embora tenham certamente sua fonte na natureza da alma, eles não são causados pelos objetos nem geram eles próprios o objeto. Fiquei satisfeito na Dissertação em expressar a natureza meramente negativa das representações intelectuais: a saber, que elas não eram modificações da alma por intermédio dos objetos. Passei em silêncio, porém, sobre a questão de **como é possível uma representação se referir a um objeto sem ser de modo algum afetada por ele**. Eu havia dito: as representações sensíveis representam as coisas como elas aparecem, as intelectuais como elas são. Mas de que modo, então, essas coisas nos são dadas se não são do tipo que nos afetam? E, se as representações intelectuais se referem a nossa atividade interna, de onde vem a concordância que devem ter com os objetos [...]?" (CASSIRER, 2021, p. 128. *Grifo nosso*)

Certamente, esse processo pode ocorrer na matemática, pois o objeto “surge” de fato apenas na formulação intuitiva e conceitual. Não é necessário, sustenta Cassirer, interrogar o ato de construção pelo qual uma figura geométrica é gerada (CASSIRER, 2021, p.128). Qual é o problema que surge ao admitirmos a possibilidade de criar conceitos "metafísicos" da mesma forma que construímos objetos matemáticos, e tentarmos apresentá-los como independentes da experiência? Mais uma vez, Cassirer cita o trecho da carta de Kant a Herz:

“nas relações que envolvem qualidades, como meu entendimento deve por si mesmo formar *a priori* os conceitos de coisas com os quais os objetos devem necessariamente concordar? Como ele deve conceber no que se refere à possibilidade de tais conceitos os

¹¹ Na CRP, Kant nos ensina que “a capacidade (receptividade) de receber representações através do modo como somos afetados por objetos denomina-se sensibilidade. Os objetos nos são dados, assim, por meio da sensibilidade, e apenas ela nos fornece intuições; eles são pensados, porém, por meio do entendimento, e deste surgem os conceitos.” (CRP, B 34 // KANT, 2012, p. 71) e que os “objetos que estimulam nossos sentidos e, em parte, produzem representações por si mesmos” (Ibid. B 1 // p. 45).

princípios reais com os quais a experiência tem de fielmente concordar e que são, não obstante, independentes dela? Esta questão sobre de onde vem semelhante concordância de nossa faculdade de entendimento com as coisas em si mesmas ainda permanece na obscuridade" (CASSIRER, 2021, p.129)

Cassirer, não só abraça o problema levantado por Kant, como defende que toda a metafísica anterior nos abandona diante dessa pergunta. Ele explica:

“pois de que serve acreditar que a solução para o enigma seja empurrá-lo de volta para a origem última das coisas: para aquele vértice misterioso em que "ser" e "pensamento" ainda não se separaram? De que nos ajuda quando Platão faz de uma primeira intuição espiritual da divindade a fonte primeira dos conceitos puros do entendimento? Quando Malebranche admite entre o espírito humano e o divino uma conexão duradoura e atual que se afirma e se manifesta em todo o conhecimento de um princípio puramente racional? Quando Leibniz ou Crusius fundamentam a concordância entre a ordem das coisas e a ordem das regras do entendimento numa "harmonia preestabelecida"? Acaso em todos esses aparentes "esclarecimentos" não é empregado algo absolutamente desconhecido na elucidação de algo relativamente desconhecido, ou ainda algo inapreensível e incompreensível em nossos conceitos para a interpretação de algo meramente problemático?”(Ibid.)

Para Kant, relata Cassirer, “nenhuma escolha é mais absurda do que na determinação da origem e validade do nosso conhecimento do que o *deus ex machina*, que além do círculo vicioso na ilação em cadeia dos nossos conhecimentos ainda possui a desvantagem de dar azo a toda sorte de quimeras ou invencionices sacras ou especulativas" (CASSIRER, 2021, p.129). Cassirer, em concordância com Kant, sustenta que a questão fundamental que surge a partir do conhecimento – aquilo que garante sua validade objetiva e sua relação com o objeto – deve ser solucionada a partir dos próprios fundamentos do conhecimento. Isso deve ser realizado mediante à luz da razão, reconhecendo suas condições e limitações características.

É um fato que para Cassirer, a porta de entrada para a *Crítica da Razão Pura* foi a partir do momento em que Kant estabeleceu essa forma de questionamento. O próprio Kant relata na carta a Herz como concebeu a partir disso um sistema completo da filosofia transcendental, reduzindo todos os conceitos da razão inteiramente pura a um certo número de categorias (não como aristóteles, mas como elas mesmas se dividem em classes mediante algumas poucas leis fundamentais do entendimento) (Ibid. p. 130).

Kant prossegue dizendo que "nos esclarecimentos sobre a série completa das investigações conduzidas até este fim último, posso dizer que tive êxito no que concerne ao meu propósito essencial atualmente estou em condições de apresentar uma crítica da razão

pura que contenha a natureza do conhecimento teórico tanto quanto do prático na medida em que sejam meramente intelectuais” (ibid.).

O que mais tarde Kant chamará de "revolução do modo de pensar", a virada "copernicana" do problema do conhecimento está consumado aqui. Cassirer cita o trecho da obra *Prolegômenos a Toda Metafísica Futura que Possa Apresentar-se como Ciência* (1783) de Kant:

Se nossa intuição tivesse de ser de tal natureza que representasse coisas *tal como são em si mesmas*, nenhuma intuição *a priori* poderia ter lugar, e todas seriam sempre empíricas. Pois só posso saber o que está contido no próprio objeto se este estiver presente e dado a mim. É claro que continua inconcebível como a intuição de uma coisa presente me faça conhecê-la como é em si mesma, pois suas propriedades não podem migrar para dentro de minha faculdade de representação; mas, mesmo concedendo essa possibilidade, tal intuição não teria lugar *a priori*, isto é, antes que o objeto me fosse apresentado, pois sem isso não se pode conceber nenhum fundamento da relação entre ele e minha representação, que deveria por isso estar baseada em inspiração. Só há, assim, uma única maneira pela qual é possível que minha intuição preceda a presença real do objeto e tenha lugar como cognição *a priori*, a saber: *se ela não contém nada mais que a forma da sensibilidade, que em mim, enquanto sujeito, precede todas as impressões reais com que sou afetado por objetos*. Pois eu posso saber *a priori* que objetos dos sentidos só podem ser intuídos de acordo com essa forma da sensibilidade. Disso se segue que proposições que dizem respeito somente a essa forma da intuição sensorial serão possíveis e válidas para objetos dos sentidos, e igualmente a reciprocidade intuições que são possíveis *a priori* não podem jamais dizer respeito a outras coisas além dos objetos de nossos sentidos. (KANT, 2014, p. 55. *Grifo do autor*).

Cassirer explica que, diferentemente do método tradicional de examinar os objetos já conhecidos e como eles são retratados em nossa faculdade de conhecimento, o exame deve começar questionando o próprio conceito de objeto, sentido e conteúdo que é atribuído a ele (CASSIRER, 2021, p.130).

Nessa questão, é identificado o termo médio que, a partir de então, irá unificar num sistema todos os conceitos e problemas da "razão pura". Cassirer escreve que “se toda a metafísica anterior começou com o ‘que’ dos objetos, Kant começa com o ‘como’ do juízo sobre os objetos” (Ibid.). Em vez de buscar uma informação primária e original sobre as qualidades das coisas, Kant investigou e analisou a afirmação do conhecimento do objeto para estabelecer o que é colocado e o significado pela relação que é apresentada.

Com esta transformação da pergunta a “metafísica” se tornou a “filosofia transcendental”:

Eu denomino transcendental todo conhecimento que se ocupa não tanto com os objetos, mas com o nosso modo de conhecer os

objetos, na medida em que estes devam ser possíveis *a priori*. (CRP B 25 // KANT, 2012, p. 60).

Temos diante de nós um todo não de coisas, mas de "modos de conhecimento" e, ao mesmo tempo, é agora alcançado se não a expressão ao menos o conteúdo de outra grande pergunta fundamental da crítica da razão, o problema geral da razão pura:

O verdadeiro problema da razão pura está, pois, contido na questão: como são possíveis juízos sintéticos *a priori*?. (CRP B 19 // KANT, 2012, p. 56).

É justamente este problema que Kant discute em sua carta a Herz: a existência de um conhecimento "*a priori*" que vai além dos elementos passivos da sensação e da sensibilidade, assim como da mera análise conceitual. Esse conhecimento é necessário para compreender a conexão e oposição reais da experiência, mas também é destinado a valer universalmente para "toda a experiência", sem basear-se em nenhuma experiência particular (CASSIRER, 2021, p.131). O problema é ainda mais complexo quando se considera que o conhecimento universalmente válido e necessário não está limitado às quantidades, mas também inclui as qualidades. Tudo isso, diz Cassirer, se converte em um problema que só pode ser resolvido por meio de uma nova formulação do "conceito de objeto", que é a "chave" para resolver os problemas levantados por Kant acerca da metafísica (Ibid.).

Entretanto, à medida que Kant se aprofunda nos detalhes desses problemas, é confrontado com a complexidade cada vez maior da tarefa que assumiu. Nos bastidores de cada problema resolvido surgem novas perguntas mais complexas. Mas Kant, diz Cassirer, não se deixa levar pela pressão e impaciência de Herz acerca da publicação desta obra:

"Visto que cheguei tão longe no meu propósito de reconfigurar uma ciência que vem sendo tão longamente trabalhada em vão por metade do mundo filosófico [...] a ponto de me ver na posse de uma teoria que descerra inteiramente o que até agora tem sido um enigma e que coloca o procedimento da razão isolada em si mesma sobre regras seguras e de fácil aplicação, aferro-me ao propósito de não me deixar instigar por qualquer sanha de autor em busca de fama num campo mais fácil e popular até que eu tenha granjeado para o público geral o solo espinhoso e duro em que trabalho [...] para conceber e simultaneamente executar em sua completude a ideia de uma ciência inteiramente nova". (CASSIRER, 2021, p.132)

Kant anuncia em maio de 1781 o lançamento da obra intitulada *Crítica da Razão Pura*:

Esse livro contém o resultado de todas as múltiplas investigações que têm sua origem nos conceitos que debatemos juntos sob a denominação de mundo sensibilis e intelligibilis, e é para mim uma

questão importante entregar a suma completa dos meus esforços ao mesmo homem arguto que dignou aprimorar minhas ideias, e o fez de modo tão perspicaz que as perscrutou mais profundamente que qualquer outro". Com isso, Kant liga retrospectivamente sua obra ao seu passado filosófico. Agora, ao contemplar, já em seus 57 anos de idade, a conclusão do trabalho de toda uma vida nesta obra nascida de doze anos de reflexão. (CASSIRER, 2021, p. 137).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte da abordagem de Ernst Cassirer em relação ao problema crítico e sua relação com a doutrina kantiana tem como objetivo demonstrar como Kant reformulou a filosofia tradicional e estabeleceu uma nova base para a filosofia moderna. Através da análise da vida e doutrina kantiana, é possível explorar como Kant abordou questões fundamentais da teoria do conhecimento e da metafísica, superando as limitações das teorias anteriores.

Esta análise nos permite identificar as mudanças fundamentais na teoria kantiana, que possibilitaram a superação das limitações da filosofia tradicional e o estabelecimento de uma nova abordagem para a teoria do conhecimento e da metafísica. Segundo a interpretação de Cassirer, a doutrina kantiana oferece uma nova forma de pensar a filosofia, que possibilitou uma revolução no pensamento filosófico e estabeleceu uma base sólida para o desenvolvimento da filosofia moderna.

Este desenvolvimento, aos olhos de Ernst Cassirer, nos possibilita uma compreensão mais detalhada e aprofundada das obras de Kant, principalmente de sua obra magna, a *Crítica da Razão Pura*, e também das obras originais de Cassirer como *A Filosofia das Formas Simbólicas*.

6. REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BETTI, Arianna; JONG, Willem R. de. **The Classic Model of Science: a Millenniaold Model of Scientific Rationality**. Synthesis, n. 174, p. 185-203, 2010.

CASSIRER, Ernst. **Kant: Vida e Doutrina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

_____. **Kant, vida y doctrina**. México: Fondo de Cultura Economica, 1948.

_____. **El problema del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Economica, 1953.

GUYER, Paul. **The Cambridge Companion to Kant and modern philosophy**. Cambridge U. Press, 2007.

_____. **The Cambridge Companion to Kant's 'Critique of Pure Reason**. Cambridge U. Press, 2010.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos. Que significa orientar-se no Pensamento?** vol. III, p. 267-283. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985

_____. **Universal Natural History and Theory of the Heavens** Richer Resources Publications, 2008

_____. **Crítica da Razão Pura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia: Filosofia Antiga**, Vol. 1, 2ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **Uma nova história da filosofia: Filosofia Medieval**, Vol. 2, 2ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Uma nova história da filosofia: O Despertar da Filosofia Moderna**, Vol. 3, 2ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MORENTE, Manuel García. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.

PORTA, Mario Ariel González. **Estudos Neokantianos**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **A Filosofia a Partir dos Seus Problemas**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

WOOD, Allen William. **Kant**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Contatos: felipebento.rocha@gmail.com e jonas.madureira@mackenzie.br